

Prezado Walter.

Estou repassando o trecho do livro que eu e a Heloisa escrevemos “Nas barrancas do Tocantins” contando nossa experiência de vida. Nas paginas 42 e 43 relatamos o período de presidente do CAOC e envolvidos em IPM.

“Esse período na presidência do CAOC foi muito confuso, pois em virtude do golpe militar do dia 1º de Abril, fizemos uma greve contra a ditadura, resultando um IPM - inquérito policial militar, o que me levou a um período de clandestinidade, inclusive foragido na casa da Heloisa, que era um reduto de direita naquela época, na “garçoniere” do chefe do DOPS, convidado por seu filho, nosso colega, onde conheci muitos líderes “contra-revolucionários” (Lamarca? Marighela?) combinando ações de resistência dentro dos quartéis e revi um antigo colega do Colégio São Luiz, o arquiteto Sergio Ferro.

Nossa diretoria no CAOC, composta por colegas muitos competentes, reorganizou o Centro; o Rubens Lara, de grande capacidade organizativa, reformulou a estrutura do centro e seus departamentos; o Gláucio do Departamento Cultural, realizava grandes festas que arrecadavam muito dinheiro para as despesas do Centro; o Dráuzio Varela que nomeamos para diretor da Revista de Medicina, conseguiu dar periodicidade e maior respeitabilidade a ela; o Primo Brandmüller que posteriormente se envolveu na luta armada e o Ângelo Ferrari, que me converteu para o Corinthians, também participaram de nossa diretoria. Era tal o fanatismo do Ferrari, que chegou a me levar ao Parque São Jorge para assistir o treino do Time. Acabei tão envolvido que em Porto influenciei diversos sobrinhos e filhos de amigos, formando um grande time de corinthianos em Porto Nacional. Na nossa administração o Departamento de Esportes conseguiu, após 8 anos de derrotas, vencer a tradicional MAC MED, que nos custou uma “chuva de ovos podres” quando fomos buscar a Taça no Mackenzie. Com uma boa gestão conseguimos muito apoio dos colegas e eleger o nosso sucessor, o Pedro Tail, nosso companheiro do grupo do interior. A Heloisa participou das Ligas Assistenciais e no Departamento Feminino.

Chegando ao final do ano, marcamos nosso casamento para 18 de Dezembro. Como a Heloisa é protestante e eu católico, procuramos o Frei Chico, Prior dos Dominicanos no Convento das Perdizes, que concordou em realizar nosso casamento, um dos primeiros casamentos ecumênicos, conjuntamente com o pastor Bertolazzo Estela. Foi muito emocionante e só não curtimos mais porque 4 dias antes, o promotor do inquérito policial militar que se instalou na USP após o golpe, pediu minha prisão preventiva. Assim, não sabíamos se nos exilávamos na Europa, para terminarmos o curso lá, com facilidades diplomáticas, o que éramos aconselhados por alguns professores, principalmente o Prof. Luiz Rey, ou enfrentávamos no Brasil o que desse ou viesse. Resolvemos ficar e após o casamento passamos um período em uma praia, naquela época ainda deserta, a Praia Preta no litoral Norte, perto de Maresias, em uma casa da Tia da Heloisa e posteriormente acampamos com meu pai em diversas praias ao longo da costa, até que soubemos que o Juiz

indeferiu o pedido de prisão e continuaríamos a responder o processo em liberdade, o que perdurou durante o internato e os dois anos de residência.

Durante esse processo, uma vez por mês, vestia meu “terninho do julgamento” e passava uma tarde no Tribunal Militar, ouvindo testemunhas e advogados. Em uma dessas sessões, o Prof. Vicente Amato, que era testemunha de acusação, começou a nos defender e mesmo alertado várias vezes pelo Juiz, que ele estava ali na qualidade de acusador e não poderia falar em nossa defesa, continuou a nos elogiar até que o Juiz deu voz de prisão e do Tribunal foi encaminhado preso ao quartel militar. Este fato foi importante para ele se livrar da “pecha de dedo duro” que estava correndo na Faculdade.

Um professor catedrático, uma vez me chamou para dizer que não deveríamos continuar um movimento contra a prisão do prof. Isaias Raw, alegando que até aquela época, nunca na Congregação da Faculdade de Medicina havia se sentado um judeu. Tempos terríveis na vida da Universidade, quando se aproveitou a acusação de comunista para afastar cérebros do Brasil.

Meu advogado nesse IPM, foi escolhido pelo CAOC e era tio do Ferrari. Ele fazia questão que eu o encontrasse em sua casa, nas manhãs de julgamento, ou nos bares que fazia “Happy Hour”, após as audiências, mas nunca me dava oportunidade para conversarmos sobre os fatos do julgamento, em que eu era acusado. Na sessão final, fez um lindo discurso em que elogiava meu patriotismo e altruísmo, mostrando a Heloisa, já no final da gravidez, toda envergonhada, apelando para que não deixassem esse menino, que ia nascer, pensar que seu pai, era um criminoso. Assim, o processo terminou com o Juiz fazendo elogios a todos os acusados e considerando improcedente a acusação, pois nesse momento político o “golpe” estava desmoralizado, sendo preciso o Ato Institucional nº 5, em fins de 68, para manter a ditadura e desta vez mais cruel e sem nenhuma justiça.”

Quando da Guerrilha do Araguaia e o envolvimento do nosso colega Boanerges, escrevemos nas páginas 119 até 121, o que em 2005 sabíamos dele. Hoje já sabemos que foi morto pela ditadura militar após ter passado pelo Tocantins.

"Em nossa campanha eleitoral para presidente do CAOC tivemos como opositor um colega chamado Boanerges de Souza Massa, que após muitas idas e vindas, desapareceu, não sendo visto, até hoje, por nenhum dos nossos colegas. Todos os perseguidos políticos da ditadura já foram reintegrados aos empregos e quanto aos desaparecidos, as famílias foram recompensadas com indenizações, após a lei da anistia. Ele não se encontrava em nenhuma destas listas. Alguns colegas chegaram a dizer que o mesmo aderiu à ditadura militar, após ser preso e trocou sua identidade. Quem saberá?

Após a campanha no centro acadêmico, em que ele representou a direita, com sua derrota, ele escreveu uma carta aberta pedindo desculpas aos colegas que dizia ter traído, afirmando que seu objetivo com o Centro Acadêmico era fazer a “Revolução Marxista no Brasil”. Este fato levou seus companheiros a aderirem à nossa gestão, o que foi importante pois, após alguns meses, com o golpe militar, não sofremos, como em outros centros

acadêmicos, a tentativa da direita tomar a diretoria. Após as eleições, ele se dedicou à nossa comissão de formatura e conseguiu levar um grande grupo à Europa, com o apoio do Prof. Edmundo Vasconcelos, cirurgião renomado e que criava um mito ao seu redor e que queria ser nosso paraninfo, para melhorar sua condição de ser indicado reitor da USP pelo governador Ademar de Barros. Com essa experiência desenvolveu uma verdadeira agência de viagens, levando várias turmas a diversas faculdades para viagens de formatura na Europa. Com isso, e trazendo televisões na bagagem de cada viajante para vender aqui, ganhou muito dinheiro, morando em uma suíte ao lado do “rei” Roberto Carlos em um dos melhores hotéis de São Paulo. Após algum tempo, soubemos que um grupo de colegas, que havia construído um hospital em um bairro periférico de São Paulo, recebeu um dia o Boanerges acompanhando uma pessoa baleada, afirmando que havia sido um disparo acidental ao limpar a arma. Após a cirurgia de urgência, ao desejarem informar a polícia, como de lei, foram ameaçados e o paciente removido do hospital, trazendo grandes problemas aos donos do hospital, acusados pelos militares de terem colaborado com terroristas que haviam assaltado um banco.

Na época em que nos reuníamos para programar a equipe, um dos temas era a nossa relação com possíveis movimentos guerrilheiros na região. Os objetivos individuais dos membros da equipe eram diversificados e as posições políticas também, mas o Brant, mais radical naquele tempo, somente integrou o grupo quando houve um consenso que, mesmo sem a adesão de todos do grupo à guerrilha, se houvesse um movimento desses na região, nós procuraríamos dar cobertura.

Assim, posteriormente, quando surgiu a guerrilha do Araguaia, nós ouvíamos as notícias do movimento, as maravilhas de uma valente mulher que atirava com incrível precisão à distância, e às vezes recebíamos feridos no Hospital e qual não foi nossa surpresa quando em uma manhã, ao nos prepararmos para ir ao hospital, recebemos a visita de um jovem, que logo percebemos ser do sul do país, pedindo apoio de medicamentos para um trabalho com uns padres no norte e trazia para nossa identificação um bilhete que começava “O CAOC está de parabéns, pois tem o presidente que merece...”, idêntica à carta aberta do Boanerges na eleição no CAOC. Pedimos ao rapaz para passar no hospital, que separaríamos uma caixa com medicamentos de urgência para ele levar, mas como conhecíamos a instabilidade do Boanerges e não confiávamos nele, não prometemos nada mais. Conversamos com a equipe e prevaleceu a idéia do Azevedo, de que deveríamos aconselhá-lo a se entregar e que estaríamos dispostos a leva-lo à Brasília, onde o Azevedo conhecia um militar, para evitar tortura por pessoal subalterno. À tarde recebemos a visita do próprio Boanerges, vestido em trajes de guerrilheiro, com mochila nas costas, desafiando a sorte, pois seu retrato estava nos cartazes de “procurados”, que nesta época eram fixados em todos os lugares públicos. Acusou-nos de frouxos e que tínhamos aderido à ditadura, pois ele sim, iria fazer a revolução brasileira, salvar o povo, e assim provar que nosso trabalho não servia para nada.

Algum tempo depois, estávamos de férias em São Paulo, quando recebemos um telegrama, pedindo nosso retorno urgente para dar explicações ao SNI - Serviço Nacional de Informação, pois o Boanerges havia sido preso e esteve em Porto, identificando os contactos que possuía na região. Esta foi a última informação que tivemos do colega. Nós, graças a Deus, nos

apresentamos em São Paulo a um coronel conhecido do Dr. Zenon e as pessoas do SNI que viviam em Porto, inclusive o prefeito, se responsabilizaram por nós e não fomos molestados. Até hoje o paradeiro do Boanerges continua uma incógnita.”

Porto Nacional 15 de maio de 2015 Eduardo Manzano.